

André Luiz Marcondes Pelegrinelli  
Maria Cristina Correia Leandro Pereira  
(Organizadores)

Caderno de Resumos  
X Encontro Internacional  
A Imagem Medieval:  
História e Teoria  
2019



lathi  
mm

André Luiz Marcondes Pelegrinelli  
Maria Cristina Correia Leandro Pereira  
(Organizadores)

Caderno de Resumos  
X Encontro Internacional  
**A IMAGEM MEDIEVAL:  
HISTÓRIA E TEORIA**



**fflch**

FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2019



Universidade de São Paulo

**Reitor**

*Vahan Agopyan*

**Vice-Reitor**

*Antonio Carlos Hernandez*



**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

**Diretora**

*Maria Arminda do Nascimento Arruda*

**Vice-Diretor**

*Paulo Martins*

Imagem de capa:

BL Burney 275 f. 293.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo  
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

---

E56 Encontro Internacional (10. : 2019 : São Paulo, SP).  
Caderno de resumos [recurso eletrônico] : X Encontro  
Internacional A imagem medieval: história e teoria, 27 a 29 de  
novembro de 2019 / André Luiz Marcondes Pelegrinelli, Maria  
Cristina Correia Leandro Pereira (organização). -- São Paulo :  
FFLCH/USP, 2019.  
1.016 Kb ; PDF.

Coordenação: Laboratório de Teoria e História de Mídias Medievais  
(LATHIMM) do Departamento de História da Universidade de São  
Paulo.

ISBN 978-85-7506-388-0

1. História medieval (Congressos). 2. Representação (Filosofia).  
3. Imagem. 4. Texto. I. Pelegrinelli, André Luiz Marcondes. II.  
Pereira, Maria Cristina Correia Leandro. III. Título: A imagem  
medieval: história e teoria.

CDD 940.1

---

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



X Encontro Internacional  
**A IMAGEM MEDIEVAL:  
HISTÓRIA E TEORIA**

**Coordenação:**

Eduardo Henrik Aubert (USP)

Gabriel Castanho (UFRJ)

Maria Cristina C. L. Pereira (USP)

Wanessa Asfora Nadler (U. de Coimbra)

**Núcleo São Paulo**

Aline Benvegnú dos Santos (USP)

André Marcondes Pelegrinelli (USP)

Debora Gomes Pereira Amaral (USP)

Doglas Morais Lubarino (UNICAMP)

Felipe Vieira Frazão Silva (USP)

Fernanda Vidal Martins Couto (USP)

Gesner Las Casas Brito Filho (U. Leeds)

Kléber Costa Timóteo (USP)

Leila Rangel Silva Geroto (USP)

Lucas Brognara Rodrigues (USP)

Maria Izabel Escano Duarte de Souza (USP)

Mariana Pincinato Quadros de Souza (USP)

Muriel Araújo Lima Garcia (USP)

Pamela Wanessa Godoi (USP)

Pedro de Oliveira e Silva (USP)

Rafael Afonso Gonçalves (USP)

Renan Marques Birro (UPE)

Stefanny Batista dos Santos (USP)

**Núcleo Rio de Janeiro**

Alexia Figueiredo de Moura (UFRJ)

Fernanda Fumico Ferreira de Barros

Ujiie (UFRJ)

Gabriel Alves Pereira (UFRJ)

Juliana Cavalcanti (UFRJ)

Leandro César Santana Neves (UFRJ)

Pedro Henrique Duarte (UFRJ)

Raphael da Silva Lemos (UFRJ)

Suelen da Silva Sousa (UFRJ)

Thais Timotheo Miguel (UFRJ)

Thalita Soares Claudino (UFRJ)

Vanessa de Mendonça Rodrigues dos Santos (UFRJ)

Willian Vidal Reis (UFRJ)



[lathimm.flch.usp.br](http://lathimm.flch.usp.br)



[facebook.com/lathimm/](https://facebook.com/lathimm/)



[@lathimm.usp](https://www.instagram.com/lathimm.usp)



[@lathimm\\_usp](https://twitter.com/lathimm_usp)

## APRESENTAÇÃO

Criado em 2010 dentro do Departamento de História da USP, o Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM) atualmente conta com quatro coordenadores e duas sedes, uma no Departamento de História da USP e outra no Instituto de História da UFRJ. Ambas são autônomas, mas também desenvolvem atividades conjuntas.

Um dos principais objetivos do LATHIMM é colaborar para a produção e difusão de conhecimentos acerca das imagens medievais. Nesse sentido, destacam-se os Encontros anuais que o LATHIMM-USP organiza desde o ano de sua criação e que vêm se abrindo não só a pesquisadores experientes, como àqueles em formação: a partir de sua terceira edição, passaram a incluir estudantes de pós-graduação do Brasil e do exterior, e desde a sua oitava edição, também estudantes de graduação que desenvolvam pesquisas de Iniciação Científica. Busca-se promover, nesses Encontros, um diálogo constante entre a reflexão teórica e a práxis historiográfica no campo específico das imagens medievais - para isso, contribuem também as comparações com outras temporalidades e entre diferentes suportes midiáticos.

Neste X Encontro Internacional “A imagem medieval: história e teoria”, que ocorrerá de 27 a 29 de novembro no auditório Fernand Braudel do Departamento de História da USP, estarão reunidos pesquisadores provenientes de diferentes regiões do país e do exterior. Serão ministradas seis conferências que apresentarão pesquisas desenvolvidas pelos coordenadores do LATHIMM e por investigadores associados; e 20 comunicações de professores doutores, mestres, mestrandos e pesquisadores de Iniciação Científica.

## SUMÁRIO

Programação	8
Conferências	12
Eduardo Henrik Aubert	13
<i>Plena deo</i> : a elocução da sibila na poesia augustana e a mimese clássica	
Gabriel Castanho	13
Imaginar o passado: medievalidades e o mundo contemporâneo	
Gesner Las Casas Brito Filho	14
A terra-média e os anjos: a “ilha prometida” para os anglo-saxões em Oxford, Bodleian Library, Ms. Junius 11	
Maria Cristina Correia Leandro Pereira	15
Sobre imagens e metaimagens: representações pictóricas de esculturas no Ocidente Medieval	
Rafael Afonso Gonçalves	16
Visualizando textos, lendo imagens: a fauna descrita em relatos de viagens medievais	
Wanessa Asfora Nadler	17
<i>Dissentimus</i> : transmissão e discussão do conhecimento clássico sobre o mundo vegetal na Idade Média	
Comunicações	19
André Luiz Marcondes Pelegrinelli	20
Texto e imagem no autógrafo de Francisco de Assis: a <i>Benedictio Fratri Leoni Data</i> (séc. XIII)	
Beatriz Cristine Honrado	20
Os Livros de Horas da rainha Elizabeth de York e de Ana Bolena: escrita, composição e imagens	
Camila Ribeiro Fagundes	21
Hospitalidade, espaço e arquitetura do sagrado: os mosteiros de Hipácio de Rufiana e de Simeão, o Estilista (séculos IV e V d. C.)	
Christian Arend Kremer	22
Narrativas e imagens antijudaicas: exemplos do Sacro Império Romano-Germânico na Idade Média Tardia	
Debora Gomes Pereira Amaral	23
Imagem da imagem: a figuração da ação milagrosa de crucifixos na Espanha (séc. XV-XVII)	
Fernanda Vidal Martins Couto	24
Marcas de identidade e propriedade na biblioteca de Jeanne de France	
Gabriel Alves Pereira	25

Mahiet e o ateliê de Jean Pucelle: reflexões acerca das “imagens marginais” do manuscrito Cambridge UL Dd 5.5.

---

Guilherme Cavalcanti Barbosa 26  
O medievo em *O Hobbit*

---

Karolina Santos da Rocha 27  
A relação entre as imagens eucarísticas e o ritual da *Proskynesis*: sobre três fólhos do *Codex Purpureus Rossanensis* (Σ 042)

---

Leandro César Santana Neves 28  
Ensinando aos dois gládios: a retórica do *Metropolitans* de Kiev João II (c. 1076-1089) e Nicéforo I (1104-1121) sobre os erros da Igreja Latina

---

Leila Rangel da Silva Geroto 29  
Fragmentos do livro-objeto - Recortes e escolhas editoriais de um fac-símile parcial de 1974

---

Lucas Jorge de Freitas 30  
O uso do *topos* retórico e das imagens mentais na construção do *ethos* retórico cristão em Agostinho de Hipona

---

Maria Izabel Escano Duarte de Souza 31  
A iluminura do Ofício dos Mortos do Livro de Horas 50,1,016 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

---

Pedro Augusto Menna Barreto Magalhães Gomes 32  
Análise historiográfica da iconografia do diabo na Idade Média entre os séculos XIV-XV

---

Pedro de Oliveira e Silva 32  
Grafite? Rabisco? Marginalia? Um estudo sobre a classificação das imagens nas margens do manuscrito BM Amiens 347 (*Digestum Vetus*)

---

Rosângela Aparecida da Conceição 33  
Tratativas e retratação do casamento de D. João I e Filipa de Lancaster

---

Stefanny Batista dos Santos 34  
Sobre múltiplos sentidos: imagens de cavaleiros e caracóis nas margens de manuscritos do século XII ao XV

---

Thalita Soares Claudino 35  
A composição de uma história: a importância da escrita na construção de si e do outro na *Historia Albigensis* (c. 1212-1218)

---

Vinicius Cesar Dreger de Araújo 36  
A arqueologia de uma cidade-relicário: um estudo do Altar dos Padroeiros de Colônia de Stefan Lochner (c. 1440)

---

Willian Vidal Reis 37  
Pregação e formação: erudição e exemplaridade na estratégia predicante dominicana

---

## PROGRAMAÇÃO (27/11/2019)

14h20-14h10 – Abertura

14h10-15h10 – Conferência 1 - Wanessa Asfora Nadler  
(U. Coimbra)

“*Dissentimus*: transmissão e discussão do conhecimento clássico sobre o mundo vegetal na Idade Média”



15h10-16h30 – Mesa 1: Imagens (d)e Devoção

Maria Izabel Escano Duarte de Souza (PPGHS-USP)

“A iluminura do Ofício dos Mortos do Livro de Horas 50,1,016 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro”

Beatriz Cristine Honrado (ECA-USP)

“Os Livros de Horas da Rainha Elizabeth de York e de Ana Bolena: escrita, composição e imagens”

Karolina Santos da Rocha (DH-UNIMONTES)

“A relação entre as imagens eucarísticas e o ritual da *Proskynesis*: Sobre três fólios do *Codex Purpureus Rossanensis* (Σ 042)”

16h30-17h – Intervalo

17h10-18h20 – Mesa 2: Imagens e comunidades

Lucas Jorge de Freitas (PPGHS-USP)

“O uso do *topos* retórico e das imagens mentais na construção do *ethos* retórico cristão em Agostinho de Hipona”

Christian Arend Kremer (DH-UFRGS)

“Narrativas e imagens antijudaicas: exemplos do Sacro Império Romano-Germânico na Idade Média Tardia”

Vinicius Cesar Dreger de Araujo (DH-UNIMONTES)

“A Arqueologia de uma cidade-relicário: um estudo do Altar dos Padroeiros de Colônia de Stefan Lochner (c.1440)”

18h20-19h20 – Conferência 2 - Rafael Afonso Gonçalves (USP/U. Rouen)

“Visualizando textos, lendo imagens: a fauna descrita em relatos de viagem medievais”

## PROGRAMAÇÃO (28/11/2019)

13h-14h – Conferência 3 - Gabriel Castanho (PPGHIS-UFRJ)

“Imaginar o passado: medievalidades e o mundo contemporâneo”

14h-15h20 – Mesa 3: Representações da Idade Média

Leila Rangel Silva Geroto (PPGHS-USP)

“Fragmentos do livro-objeto - Recortes e escolhas editoriais de um fac-símile parcial de 1974”

Guilherme Cavalcanti Barbosa (DH-USP)

“O medievo em O Hobbit”

Pedro Augusto Menna Barreto Magalhães Gomes (PUC-SP)

“Análise historiográfica da iconografia do diabo na Idade Média”

15h20-15h40 – Intervalo

15h40-17h – Mesa 4: Escrever imagens

Leandro César Santana Neves (IH-UFRJ)

“Ensinando aos dois gládios: a retórica dos metropolitas de Kiev João II (c. 1076-1089) e Nicéforo I (1104-1121) sobre os erros da Igreja latina”

Willian Vidal Reis (IH-UFRJ)

“Pregação e formação: erudição e exemplaridade na estratégia predicante dominicana”

Thalita Soares Claudino (IH-UFRJ)

“A composição de uma história: a importância da escrita na construção de si e do outro na *Historia Albigensis* (c. 1212-1218)”

17h-18h – Conferência 4 - Eduardo Henrik Aubert (DLCV-USP)

“*Plena deo*: a elocução da sibila na poesia augustana e a mimese clássica



## PROGRAMAÇÃO (29/11/2019)

14h-15h – Conferência 5 - Gesner Las Casas Brito Filho  
(U. Leeds)

“A terra-média e os anjos: a ‘ilha prometida’ para os anglo-saxões em Oxford, Bodleian Library, MS. Junius 11”



15h-16h50 – Mesa 5: Imagens marginais  
Stefanny Batista dos Santos (PPGHS-USP)

“Sobre múltiplos sentidos: imagens de cavaleiros e caracóis nas margens de manuscritos do século XIII ao XV”

Gabriel Alves Pereira (PPGHIS-UFRJ)

“Mahiet e o ateliê de Jean Pucelle: reflexões acerca das “imagens marginais” do MS. Cambridge UI Dd 5.5”

Pedro de Oliveira e Silva (DH-USP)

“Grafite? Rabisco? Marginalia? Um estudo sobre a classificação das imagens nas margens do manuscrito BM Amiens 347 (*Digestum Vetus*)”

Fernanda Vidal Martins Couto (DH-USP)

“Marcas de identidade e propriedade na biblioteca de Jeanne de France”

16h50-17h – Intervalo

17h-19h – Mesa 6: Imagens-objeto

Camila Ribeiro Fagundes (DH-UFES)

“Hospitalidade, espaço e arquitetura do sagrado: os mosteiros de Hipácio de Rufiniana e de Simeão, o Estilita (séculos IV e V d.C.)”

Rosângela Aparecida da Conceição (UNIP / U. Nova de Lisboa)

“Tratativas e retratação do casamento de D. João I e a Fillipa de Lancaster”

André Luiz Marcondes Pelegrinelli (PPGHS-USP)

Texto e imagem em um texto autógrafo de Francisco de Assis: a *Benedictio Fratri Leoni Data* (séc. XIII)”

Debora Gomes Pereira Amaral (PPGHS-USP)

“Imagem da imagem: a figuração da ação milagrosa de crucifixos na Espanha (séc. XV-XVII)”

19h-20h – Conferência 6 - Maria Cristina C. L. Pereira (DH-USP)

“Sobre imagens e metaimagens: representações pictóricas de esculturas no Ocidente medieval”

20h – Lançamento do livro: PEREIRA, Maria Cristina. *As letras e as imagens: iniciais ornamentadas em manuscritos do Ocidente medieval*. São Paulo: Intermeios, 2019.

# CONFERÊNCIAS

*Plena deo: a elocução da sibila na poesia augustana e a mimese clássica*

Eduardo Henrik Aubert (DLCV-USP)

A sibila de Cumas é importante personagem da poesia augustana. Nesta conferência, pretendemos explorar como aqueles poetas – Virgílio, Tibulo e Ovídio – empregaram uma série de procedimentos poéticos para produzir uma elocução distintiva para aquela personagem. Em um primeiro momento, pretendemos mostrar como Virgílio e Tibulo privilegiam dois procedimentos distintos para tanto. Em seguida, apoiados no texto ovidiano e em passos de Sêneca Rétor, demonstraremos que Ovídio reconheceu e emulou os procedimentos virgilianos. Por fim, argumentaremos que esses poetas têm na tragédia grega e latina um importante precedente.

Imaginar o passado: medievalidades e o mundo contemporâneo

Gabriel Castanho (PPGHIS-UFRJ)

As representações do medievo atravessam regularmente nosso cotidiano. Evocações políticas, artísticas, religiosas, jurídicas, educacionais, econômicas, entre outras, fazem parte da cultura ocidental contemporânea produzindo uma série de representações sempre atuais e atualizadas do medievo. Nesse quadro, discutir a importância desse período para nossas sociedades se impõe de modo incontornável. A questão a ser colocada deve, nesse sentido, visar tornar mais claras as diferentes representações contemporâneas da Idade Média. “Representações”, no plural, pois o que se coloca sobre a mesa de trabalho de historiadores não é um passado unívoco e verdadeiro, mas sim a pluralidade de narrativas sobre ele entendidas como múltiplas medievalidades. Partindo de tais considerações, a presente conferência pretende dialogar com a produção nacional (e internacional) sobre o tema em busca de uma conceituação que forme um vocabulário operativo da

medievalidade contemporânea. Às noções de medievística, medievalismo, reminiscência, recepção, etc., é nosso objetivo juntarmos a noção de “medievalesco” a fim de contribuirmos para formação de um vocabulário mais preciso e adequado aos estudos medievais.

### A terra-média e os anjos: a “ilha prometida” para os anglo-saxões em Oxford, Bodleian Library, MS. Junius 11

Gesner Las Casas Brito Filho (U. Leeds)

Oxford, Bodleian Library, MS. Junius 11 é um manuscrito produzido na Inglaterra anglo-saxônica por volta do ano mil. Trata-se de uma paráfrase poética de diversos livros bíblicos apócrifos e canônicos em inglês antigo: Genesis, Êxodo, Daniel e Cristo e Satã. Junto ao primeiro poema, Gênesis, encontram-se as únicas imagens 48 miniaturas, trabalho de dois artistas. Em Oxford, Bodleian Library, MS. Junius 11 apresenta-se tanto em texto quanto em imagem a concepção da esfera terrestre como uma “ilha espiritual”, um espaço intermediário entre céu e inferno. Esta concepção de terra como ilha desdobra-se em diversas outras como “ilha prometida”, conexão para o mundo sobrenatural e etc. Como esta “ilha espiritual” não está presente somente neste manuscrito, conexões entre diversas fontes históricas faz-se necessário.

De acordo com as fontes históricas da Inglaterra anglo-saxônica era sabido que a terra ocupada pelos anglo-saxões após a queda de Roma era parte de uma ilha. Diversas fontes escritas como em Gildas, Beda, a Crônica Anglo Saxônica e até mesmo mapas mostram que os anglo-saxões possuíam consciência da geografia da terra que habitavam. Em *De Excidio et Conquestu Britanniae* (Sobre a ruína e conquista da Britânia), escrito por volta de 540, Gildas narra como a ilha outrora cristã romana foi destruída pelos invasores pagãos anglo-saxões. Beda, em *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (História eclesiástica dos povos ingleses) escrita em 731, segue Gildas, ao qual

servirá como modelo para diversas narrativas posteriores, até mesmo após a Conquista Normanda. A ilha é descrita por ambos como um *locus amoenus*, um jardim fértil, com águas abundantes, um Jardim do Éden, ou ainda uma terra prometida, uma Israel para os anglo-saxões. A Inglaterra anglo-saxônica apresenta-se descrita como uma ilha no centro da história do mundo conectada com o centro da História da Cristandade Ocidental. Em outros momentos a Inglaterra está na periferia, isolada como uma terra de monstros e de pecado, com passagens para o mundo do monstruoso e sobrenatural. No manuscrito Junius 11 (Oxford, Bodleian Library, MS. Junius 11) esta percepção da terra habitada amplia-se para a ideia da esfera terrena como uma ilha e ganha contornos simbólicos mais amplos, principalmente na narrativa visual e textual do poema Gênesis. No poema Gênesis, tanto em seu texto quanto imagem, novos elementos foram adicionados, de origem local ou de origem apócrifa. Por exemplo, a esfera terrena é apresentada em Junius 11 como ‘middangeard’ (terra-média) um local intermediário entre o céu e inferno.

Apresentaremos nesta conferência outras fontes que conectam-se e confirmam esta visão de esfera terrena como a “ilha prometida” aos povos anglo-saxônicos. E além disso, de que formas esta concepção de “ilha prometida” ou “ilha espiritual” está presente em Junius 11, mas projeta-se nas esferas religiosas e políticas da época.

### Sobre imagens e metaimagens: representações pictóricas de esculturas no Ocidente medieval

Maria Cristina Correia Leandro Pereira (DH-USP)

Os discursos medievais a respeito das imagens não são muito numerosos, e com grande frequência apenas se remetem à autoridade do papa Gregório Magno, o que acaba por influenciar certos estudiosos, que os emulam. Mas para além dos textos, há outros tipos de fontes para se estudar as imagens: as

próprias imagens – mais particularmente, as imagens de imagens. Em uma série de pinturas, esculturas, gravuras, mosaicos são representadas outras imagens (elas também evocando diferentes suportes e técnicas) que dão mostras do pensamento figurativo medieval ao trabalho. Assim, o objetivo desta conferência é duplo: por um lado, analisar as funções e modos de funcionamento dessas imagens nas imagens – que conceituaremos como metaimagens, na esteira de J. T. W. Mitchell – e, por outro lado, refletir a respeito da ontologia da imagem medieval, considerando basicamente duas variantes: seu lugar (no mundo e na imagem) e seu grau de coisalidade.

### Visualizando textos, lendo imagens: a fauna descrita em relatos de viagem medievais

Rafael Afonso Gonçalves (USP / U. Rouen / FAPESP)

Já há algum tempo, o uso de ferramentas digitais de leitura e análise de textos tem se disseminado entre historiadores de diversas áreas, que os utilizam para sistematizar, mapear e analisar diferentes tipos de escritos. Embora essas ferramentas privilegiem, em certa medida, o texto como material de análise, os dados lexicográficos e de estatística textual sobre os quais elas se baseiam permitem a elaboração de representações gráficas dos termos que compõem esses escritos e do vocabulário mobilizado para tratar de determinado assunto. Dito de outro modo, entre outras funcionalidades, é possível, a partir de dados textuais extraídos, visualizar como um conjunto de palavras se distribui ao longo de uma obra, a quantidade de vezes que um tópico é retomado ou, ainda, a recorrência de um tema específico dentro de um corpus documental. Esta conferência pretende examinar a pertinência do uso dessas imagens como um componente argumentativo a partir de imagens gráficas produzidas com o auxílio da ferramenta CATMA (Computer Aided Textual Markup & Analysis). As imagens a serem apresentadas resultam de uma análise da ocorrência de termos relacionados a animais e a categorias zoológicas em um

conjunto de relatos de viagem escritos entre o final do século XIV e início do século XVI. Partindo do diálogo entre ordem textual e representação gráfica, esta conferência visa refletir sobre as vantagens e limites desse tipo de abordagem para uma melhor compreensão da maneira como os homens daquele tempo definiram e descreveram o mundo animal.

*Dissentimus*: transmissão e discussão do conhecimento clássico sobre o mundo vegetal na Idade Média

Wanessa Asfora Nadler (U. Coimbra)

A edição da História universal das plantas (*Historia Plantarum Universalis*, Yverdon, 1650-1652) do médico e botânico suíço Jean Bauhin, publicada na metade do século XVII, apresenta em sua capa um frontispício que, dentre outros elementos decorativos, dispõe lado a lado efígies de Teofrasto e Dioscórides, Plínio e Galeno. É uma espécie de panteão dessas autoridades do mundo antigo que, através de suas obras, contribuiram para a configuração do background teórico sobre o qual o conhecimento sobre a natureza, principalmente zoobotânico, esteve assentado ao longo da antiguidade e do período medieval. No entanto, e vem daí a alusão ao vocábulo latino no título proposto, a partir do século XVI, alguns homens ousaram colocar em xeque aquelas autoridades, promovendo, em certo sentido, um afastamento do paradigma científico antigo-medieval de tradição clássica. Abaixo das figuras de Pietro Andrea Mattioli, Amato Lusitano, Melchior Guilandinus, Conrad Gesner, Leonhart Fuchs, Jacques Daléchamp, lê-se “*dissentimus*”.

Esta conferência tem como objetivo central problematizar a ideia de ruptura em uma tradição de nomeação, observação e representação da natureza, por séculos reverenciada e alimentada, que aquela imagem deseja evocar. Pretende-se, através do uso de outras fontes, iconográficas e textuais, discutir a trajetória de estabelecimento das noções canônicas de natureza no âmbito da *Physica*, mais especificamente do mundo vegetal, pontuando como tais

noções, permeadas em diversos graus pelo cristianismo, reverberaram na produção de textos e/ou imagens que circularam na Idade Média.

# COMUNICAÇÕES

Texto e imagem no autógrafo de Francisco de Assis: a *Benedictio  
Fratri Leoni Data* (séc. XIII)

André Luiz Marcondes Pelegrinelli (PPGHS-USP)

A experiência no monte Alverne, em 1224, foi essencial para a conformação do franciscanismo medieval. Francisco foi estigmatizado e os frades que o acompanhavam na experiência eremítica tiveram também suas experiências com o fundador transformadas. Leão, frade, secretário e confessor de Francisco, recebeu do santo um fragmento de pergaminho com dois escritos autógrafos, a *Laudes dei Altissimi* no lado carne e, no lado pelo, uma bênção de inspiração bíblica, a *Benedictio Fratri Leoni data*. O pequeno fragmento de pergaminho ainda existe, o autógrafo é considerado uma relíquia, objeto de devoção na Basilica di San Francesco, em Assis. Nesta comunicação, analisaremos o objeto como conformação das linguagens textual e visual, considerando a materialidade do pergaminho que, relacionando essas dimensões, implica em diferentes possibilidades de leitura que concluem no mesmo sentido analógico. Através de análise codicológica, paleográfica, do texto e das imagens, propomos pensar a *Benedictio Fratri Leoni data* como imagem-caligrama veiculando a bênção de modo não linear que considera a espacialidade do fragmento de pergaminho e dele faz uso.

Os Livros de Horas da rainha Elizabeth de York e de Ana Bolena:  
escrita, composição e imagens

Beatriz Cristine Honrado (ECA-USP)

O livro passou por muitas transformações durante a história. No longo período da Idade Média não foi diferente. Uma das maiores transformações ocorrida nesta época foi a quebra da exclusividade dos livros aos mosteiros

e a expansão das devoções laicas, principalmente entre a nobreza (HAMEL, 1995), que requerem mais materiais para leitura e apreciação, o principal deles sendo o Livro de Horas. As iluminuras, miniaturas e páginas ricamente ornamentadas presentes nos Livros de Horas podem traduzir, materialmente, as mudanças na cadeia produtiva do livro e, socialmente, as relações de poder na corte. Como era comum na Idade Média, a construção do espaço das imagens e das figuras não é neutro e exprime classificações de valores, hierarquias, costumes e ideologias (SCHMITT, 2007). Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar a disposição de miniaturas, iluminuras e tipos de escrita em dois Livros de Horas ingleses, além da relação dos manuscritos com suas proprietárias e a mudança ocorrida neste tipo de livro ao longo do século XV.

A pesquisa foi guiada por duas fontes primárias disponíveis em formato digital pela British Library: Add. MS. 50001 (*The Hours of Elizabeth the Queen*, c.1415) e Kings MS. 9 (*Anne Boleyn's Book of Hours*, c.1500). Através das páginas digitalizadas foram feitas análises de grids e das principais iluminuras e dos motivos iconográficos presentes no livro. Também foram estudados os ateliês, ingleses e flamengos, e contextos de produção de ambos os manuscritos. Além disso, foi feita uma investigação, por meio de artigos e biografias, do papel que estes livros tiveram na vida de suas proprietárias, as rainhas consortes Elizabeth de York e Ana Bolena. O projeto prevê ainda a elaboração de um livro para apresentar as análises e conclusões sobre os objetos de estudo, além de expandir o conhecimento do público geral a respeito dos dois manuscritos analisados e deste período histórico.

Hospitalidade, espaço e arquitetura do sagrado: os mosteiros de Hipácio de Rufiniana e de Simeão, o Estilita (séculos IV e V d. C.)

Camila Ribeiro Fagundes (PPGHIS-UFES)

Se os séculos II e III da era comum significaram para os cristãos o protagonismo dos mártires confessores e dos padres do deserto como *exempla cristã* – como modelo de conduta moral, comportamental e política do que era ser cristão –, o que envolvia um afastamento e condenação do mundo pelos primeiros Padres da Igreja, os séculos IV e V d. C. foram um período de intensa difusão dos movimentos monásticos na parte oriental dos territórios sob a administração do império romano, principalmente em se tratando das regiões da Síria, Egito, Palestina e da Anatólia. Dentre esses movimentos, os de caráter comunal (cenobítico) conquistavam cada vez mais adeptos, por consequência o número de fundações de mosteiros crescia exponencialmente, e concomitantemente houve um processo de reformulação das relações do monge com o mundo além das paredes da sua cela. O monge então não somente admitia seu contato e convivência com as populações locais e com a elite cidadina, ele também reformulava suas relações com o espaço para abraçar e receber toda a sorte de indivíduos ou grupos de pessoas que buscassem asilo, hospitalidade, milagres, conselhos, ou até mesmo carreira monástica no mosteiro.

Pensando nessa nova relação do monge tardo antigo com o espaço, pretendemos uma breve análise acerca da hospitalidade monástica dos mosteiros de Hipácio de Rufiniana e do santuário de Simeão, o Estilita durante o período entre o século IV e o V mediante evidências literárias encontradas na *Vita Hypatii*, de Calínico, sobre o primeiro, e dos dados arqueológicos das escavações de Georges Tchalenko sobre o segundo.

### Narrativas e imagens antijudaicas: exemplos do Sacro Império Romano-Germânico na Idade Média Tardia

Christian Arend Kremer (DH-UFRGS / CNPq)

Na Europa ocidental, a partir do século XIII, sobretudo, os judeus foram paulatinamente degradados, empobrecidos e culpabilizados por problemas

como aumento de impostos e propagação de doenças. Nesse contexto, emergiram narrativas e iconografias que acentuavam os sentimentos hostis frente a sua cultura e religião. Nesse contexto, emergiram narrativas e iconografias que acentuavam os sentimentos hostis da maioria da população em relação aos judeus. Gradualmente o fenômeno antijudaico se generaliza no continente europeu tardo-medieval, levando a perseguições e expulsões de comunidades judaicas em diversos territórios. Neste trabalho, cujo foco é o Sacro Império Romano-Germânico, em particular, visamos analisar como narrativas e imagens desempenharam um papel fundamental no que diz respeito à difusão desses sentimentos antijudaicos, criando um momento de síntese entre memória passada e experiência presente. Lendas e mitos relacionados à profanação da hóstia, ao envenenamento de poços e ao assassinato ritual de crianças cristãs são exemplos de como as narrativas assumem uma eficácia no que diz respeito a consolidação e afirmação do antijudaísmo. As imagens desempenham um papel fundamental nesse sentido, a exemplo da representação do triunfo do Cristianismo sobre o Judaísmo - *Ecclesia et Synagoga* -, e da iconografia repulsiva - a “Judensau”.

### Imagem da imagem: a figuração da ação milagrosa de crucifixos na Espanha (séc. XV-XVII)

Debora Gomes Pereira Amaral (PPGHS-USP / CNPq)

Na Espanha, entre os séculos XIII e XVI, conformaram-se lendas que narram supostos milagres protagonizados por crucifixos após sofrerem ataques iconoclastas; para além da compilação de relatos escritos, também foram produzidas imagens, como pinturas, relevos e gravuras, que figuraram tais fenômenos. Lembremos que no ocidente latino as lendas de imagens milagrosas começaram a circular somente após o século X – diferente do oriente bizantino, em que estão presentes desde pelo menos o século V – e tal circulação se deu principalmente por meio de relatos escritos.

Posteriormente, no decorrer do século XIII, algumas compilações de lendas de imagens milagrosas passaram a incorporar iluminuras, que intencionavam fazer visíveis os momentos dos hipotéticos milagres obrados pelas imagens, narrando visualmente as ações sobrenaturais dos objetos religiosos, como nos manuscritos iluminados “*Les miracles de Nostre Dame*”, de Gautier Conty e as “*Cantigas de Santa Maria*”, de Alfonso X. Durante este mesmo século, Guilherme Durand (1230-1296) escreveu que “a imagem parece mover mais a mente do que a Escritura; uma imagem de um feito real colocada diante dos olhos atinge mais a mente pela memória que um texto escrito”, propondo que a imagem exerce mais efeito sobre os fiéis que os textos. Estas imagens, então, segundo Alejandro Garcia Aviles, tornaram-se um autêntico argumento de autoridade onde as Escrituras não foram suficientes para explicitar as coisas do sobrenatural, portanto capazes de apresentar as verossimilhanças de lendas maravilhosas. Assim posto, nesta comunicação iremos apresentar as possibilidades figurativas utilizadas para narrar visualmente algumas lendas de crucifixos milagrosos que circularam na Espanha entre o final do medievo e a modernidade. Observamos que não iremos tratar dos crucifixos milagrosos em si, mas sim de imagens (pinturas, relevos e gravuras) datadas entre os séculos XV e XVII, cuja retórica visual buscava fazer visível o momento sobrenatural da ação milagrosa desses crucifixos.

## Marcas de identidade e propriedade na biblioteca de Jeanne de France

Fernanda Vidal Martins Couto (DH-USP)

Nos últimos séculos da Idade Média, os livros se tornam cada vez mais objetos utilizados pelos laicos, servindo a vários propósitos, muito além do estudo. Uma dessas funções era exibir status, uma posição social destacada. O objetivo de nossa pesquisa de Iniciação Científica é estudar um exemplo dessa operação tomando como base a biblioteca de Jeanne de France, duquesa de

Bourbon. Filha de Carlos VII e primeira esposa de Jean II, duque de Bourbon, ela buscou exibir sua identidade social nos manuscritos de sua biblioteca de várias formas: através da inscrição de seu nome, de seu brasão e de sua imagem. Na presente comunicação iremos apresentar os primeiros passos dessa pesquisa.

### Mahiet e o ateliê de Jean Pucelle: reflexões acerca das “imagens marginais” do manuscrito Cambridge UL Dd 5.5.

Gabriel Alves Pereira (PPGHIS-UFRJ)

Entre os anos 1330 e 1340, Marie de Saint Pol, condessa de Pembroke, na Inglaterra, encomendou do artista parisiense Mahiet um breviário, conhecido hoje como “Breviário de Marie de Saint Pol” ou manuscrito Cambridge UL Dd. 5.5. Mahiet é descrito como um iluminador que veio do ateliê do famoso artista parisiense, Jean Pucelle. Alguns especialistas, como Richard Rouse, classificam Mahiet como um iluminador “secundário” que produzia apenas pequenas imagens, dando o posto de principal discípulo de Jean Pucelle a outro artista parisiense, Jean Le Noir. O manuscrito Cambridge UL Dd 5.5 é um breviário, logo, possui salmos, temporal e santoral. Ele traz a porção do verão e outono para o uso franciscano. Todavia, uma das características que mais se destacam nesse documento são suas margens ricamente decoradas. As margens dos manuscritos começaram a ser ocupadas a partir do século XIII, e essa ocupação se intensificou a partir do século XIV. Nas margens é possível encontrar animais, cavaleiros, leigos, seres híbridos, antropomórficos, zoomórficos etc. Portanto, nosso objetivo nessa comunicação é realizar uma análise inicial acerca das margens do manuscrito Cambridge UL Dd 5.5, a fim de compreender possíveis relações, antagonismos, complementariedades, usos e funções. Além disso, buscaremos também, de forma inicial, refletir acerca do ateliê do famoso artista e seus ditos seguidores.

## O medievo em *O Hobbit*

Guilherme Cavalcanti Barbosa (DH-USP)

Os objetivos desta comunicação são, por um lado, expor as conclusões da pesquisa de iniciação científica intitulada “Medievalismo em O Hobbit” e, por outro, apresentar novas questões a partir dela, explorando a ideia de medievo criada por Tolkien no seu primeiro livro ficcional lançado, o *Hobbit*. Apresentaremos o esboço de uma futura pesquisa que objetiva analisar as ilustrações produzidas pelo autor e as pontes possíveis com o medievo.

Em nossa pesquisa pudemos perceber que Tolkien produziu um entendimento próprio do medievo, através do contato com produções artísticas e literárias do século XIX (entre elas do pré-raphaelismo) e do contato direto com documentos de época. Com isso, percebemos a centralidade que o meio possui na narrativa, como no momento em que os anões retomam a montanha.

As ilustrações nos revelam um ambiente de predomínio natural; poucas são as que representam personagens ou que destaquem edificações. Todo o foco das imagens está no predomínio da natureza. Isto nos mostra um medievo orgânico, uma visão característica dos pré-raphaelitas que influenciou muito o autor, mas também um questionamento sobre a ideia de progresso. Imaginar um medievo verdejante e com pequenas áreas urbanas não foi uma exclusividade pré-raphaelita ou tolkieniana, mas uma narrativa de desvalorização da guerra em uma história de retomada do reino perdido, de disputas pelos tesouros guardados, o que é uma característica desta obra. Esses dois pontos aqui ressaltados demonstram como Tolkien produziu sua própria visão de medievo, em texto e em imagem, sendo singular na forma e no conteúdo.

A relação entre as imagens eucarísticas e o ritual da *Proskynesis*:  
Sobre três fólhos do *Codex Purpureus Rossanensis* (Σ 042)

Karolina Santos da Rocha (DH-UNIMONTES)

O objetivo desta apresentação é analisar elementos significativos para a compreensão do modo de funcionamento do *Codex Purpureus Rossanensis* (Σ 042), possivelmente proveniente do ambiente multicultural de Constantinopla no século VI; e, posteriormente, trasladado para o monastério de Rossano, na região da Calábria (Sul da Itália). O códice possui 188 fólhos em pergaminho púrpureo, medindo 25x30cm. Seus caracteres são escritos nas cores dourada (com posicionamento padrão nas três primeiras linhas de cada página de texto) e prateada (restante do texto). O conteúdo textual do manuscrito está em grego e contém um Evangelho completo de Mateus, um Evangelho incompleto de Marcos e o início da epístola de Eusébio de Cesaréia a Carpiano (*Epistula ad Carpianum*). Além disso, o *codex* possui quinze miniaturas, das quais doze retratam a vida de Cristo. Entretanto, pretendemos analisar apenas três destes fólhos. Acreditamos que há uma dinâmica significativa e que se diferencia das outras figurações no que diz respeito à repetição de conteúdo. Observamos que temas eucarísticos estão presentes em três fólhos: A Última Ceia (fol. 3a); a distribuição do pão (fol. 3b) e a distribuição do vinho (fol. 4a). Discordamos, porém, da historiografia tradicional que discute o tema, na medida em que essa sequência de imagens ultrapassa aspectos religiosos e remete à noção de *imago regis*, reforçando a divindade do monarca a partir de uma forte analogia entre Cristo e o Imperador; de modo que as imagens remetem a implicações imperiais. Ademais, vale ressaltar a estrutura figural, ao modo de Auerbach, identificada no manuscrito. O arranjo se efetua por meio de inscrições veterotestamentárias e neotestamentárias “similares na estrutura dos acontecimentos”, bem como por meio de imagens do Novo Testamento associadas a personagens do Velho Testamento; de modo que o passado prefigura o futuro. Há que se mencionar ainda que o modo de figuração da

Última Ceia (fólio 3a) pode ser considerado um modelo de referência iconográfica em algumas localidades no Sul da Itália, na medida em que identificamos uma estreita relação entre a miniatura presente no *Codex Rossanensis* e diversos afrescos e mosaicos localizados em igrejas de influência bizantina no Sul da Itália.

### Ensinando aos dois gládios: a retórica dos *Metropolitanos* de Kiev João II (c. 1076 - 1089) e Nicéforo I (1104 - 1121) sobre os erros da Igreja Latina

Leandro César Santana Neves (PPGHIS-UFRJ / CNPq)

Apesar de ser caracterizado pela historiografia moderna como um “não-evento”, a excomunhão simultânea do Patriarca de Constantinopla e de legados do Pontífice romano em 1054 acarretou a intensificação de uma literatura marcada pela constatação e condenação das práticas atreladas ao rito Latino, particularmente na região de Rus. Nesta apresentação, portanto, pretendemos falar de dois metropolitanos (autoridade regional máxima, somente abaixo do Patriarca Constantinopolitano) de Kiev e toda Rus, João II (c. 1076 - 1089) e Nicéforo I (1104 - 1121), e como eles construíram a noção de uma Igreja Latina em duas epístolas para duas audiências diferentes. Trabalhamos com a hipótese de que, mesmo dessacralizando o rito de Roma a fim de afirmar sua própria autoridade de dizer o sagrado, ambos os metropolitanos fazem uso deste aneclesiamento de formas e objetivos adjacentes diferentes. De um lado, João II envia uma carta respeitosa a Guiberto de Ravena, também conhecido como Antípapa Clemente III (1080 - 1100), alertado sobre os erros de seus seguidores e urgindo para um diálogo, indicando a superioridade de sua metrópole em relação ao trono de Pedro. Por outro lado, Nicéforo I alerta o rei Iarosláv Sviatoslávitch de Múrom (1097 - 1123), o qual seria teoricamente vizinho dos poloneses e logo dos latinos, sobre os desvios destes últimos em uma retórica condenatória.

## Fragmentos do livro-objeto - Recortes e escolhas editoriais de um fac-símile de 1974

Leila Rangel Silva Geroto (PPGHS-USP)

A produção de fac-símiles teve um salto em meados do século XX, a partir de técnicas mais elaboradas de fotografia, captura e impressão de imagens. Especificamente, fac-símiles de manuscritos medievais têm sido de grande valia para o ensino e pesquisa, bem como democratizar o acesso a estes documentos. Muito se discute, porém, sobre o que constitui um fac-símile, seja em sua fidelidade de conteúdo ou seu suporte. Esta comunicação apresenta alguns aspectos do que chamamos de fac-símile parcial, publicado em 1974 pela editora Thames&Hudson, com reproduções de diversos fólhos do evangelho conservado na biblioteca da Universidade de Dublin TCD-MS 58, conhecido como Livro de Kells. O manuscrito original possui ao todo 340 fólhos. A edição, por sua vez, organiza-se em 126 lâminas nas dimensões dos fólhos. Destas, 100 são agrupadas de acordo com sua ordem no manuscrito: prefaciais (18); Evangelho de Mateus (30); Evangelho de Marcos (10); Evangelho de Lucas (31+1 lâmina em branco para manter a sequência recto/verso); Evangelho de João (10); as demais 26 lâminas do fac-símile são compostas de recortes ampliados de diversos fólhos do MS58, incluindo recortes de fólhos que não constam na edição de 1974. A maior parte do texto dos Evangelhos não foi reproduzida, bem como dois fólhos com texto em irlandês arcaico, posteriores à produção dos Evangelhos. Além da ampliação dos detalhes, alguns recortes sofreram uma rotação de 90°. Nossa hipótese é a de que o objetivo teria sido facilitar a visualização com os outros detalhes e aproveitar o espaço da lâmina, pois diversos recortes de um mesmo fólho aparecem em lâminas diferentes, deslocados do contexto do fólho original. A edição de 1974 reproduz a prática comum de descontextualizar a imagem através do recorte, gerando, invariavelmente, um novo repertório e um novo tecido visual que se descola do manuscrito original. Porém, diferente dos recortes com iniciais emolduradas e suspensas de contexto, este descolamento ocorre dentro do repertório do manuscrito, organizado como uma

reprodução parcial, permitindo um retorno a uma certa unidade de sentido e gerando um objeto cuja função pressupõe não uma liturgia divina, mas uma devoção à complexidade da forma, conforme observado na escolha da reprodução parcial do documento e no texto do posfácio, dedicado inteiramente a questões estilísticas e iconográficas.

### O uso do *topos* retórico e das imagens mentais na construção do *ethos* retórico cristão em Agostinho de Hipona

Lucas Jorge de Freitas (PPGHS-USP)

Nos séculos IV e V a sociedade cristã constituiu-se por uma massa de iletrados, destacando-se por um esforço de unificação e homogeneização do credo, que teve por consequência embates e confrontos entre diversas vertentes que formam religião cristã. Para iniciar o crescente número de ingressantes no *mysterion*, esta via para a salvação era estabelecida pela *imitatio Christi*. Com a institucionalização da Igreja e a construção da tradição cristã, o cristianismo passa a ser concebido como uma forma de atuação neste mundo material e corpóreo, implicando em uma imitação plena de Cristo não mais em sua morte, mas em sua conduta em vida. Para autores como Agostinho de Hipona era necessário, portanto, transmitir, ensinar e educar estes novos convertidos nos ensinamentos e na conduta cotidiana cristã.

Com este objetivo, os autores da Patrística fizeram uso de todos os recursos a sua disposição. As imagens pictóricas constituíam uma ferramenta didática privilegiada no complexo desenvolvimento do imaginário cristão. Entretanto, em um momento de embates e definição dogmática, estas imagens e o próprio imaginário são visceralmente debatidos pela via oral e escrita. Foi pela palavra, falada e escrita, que os autores da Patrística estabeleceram suas controvérsias em prol da definição da correta via salvífica. O bispo de Hipona, como seus contemporâneos, fez um incessante uso dos *topos* retóricos e das imagens mentais presentes em sua época e contexto. Para o hiponense, o uso dos

lugares-comuns (*loci communes*) era essencial para a correta compreensão da mensagem transmitida.

O *topos*, o *exemplum* e o *imago* eram valorizados como recursos de apoio para ilustrar exemplos significativos e fazer uso de certas imagens e passagens consagradas pela tradição cristã. Não somente denotavam a erudição do autor, mas conferiam ao texto valor e dignidade que, sem os quais, seria impossível expor, discutir ou ao menos participar das controvérsias religiosas definidoras dos dogmas cristãos. Sua inegável importância é reconhecida por Agostinho ao longo de suas obras, ressaltando o uso destes recursos na formação de um patamar comum entre o autor e seus interlocutores, assim como o autor e seus adversários de outras vertentes cristãs e, da mesma maneira, entre o bispo e seus fiéis correligionários.

### A iluminura do Ofício dos Mortos do Livro de Horas 50,1,016 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Maria Izabel Escano Duarte de Souza (PPGHS-USP / CAPES)

Há na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um Livro de Horas registrado com o número 50,1,016, pouco explorado como fonte para o estudo da História e da História da Arte. Apesar de ter sido rapidamente analisado por François Avril em um artigo intitulado “O acervo de livros de horas iluminados da Biblioteca Nacional do Brasil”, publicado em 2016, o manuscrito 50,1,016 ainda carece de estudos que possam comprovar sua datação, proveniência e principalmente sua atribuição.

Nesta comunicação, que se constitui como um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, apresentaremos algumas questões relativas à identificação do artista do livro 50,1,016, comparando as iluminuras deste códice com as iluminuras de outros livros de horas atribuídos ao Mestre de Coetivy, sugerido por François Avril como possível iluminador do manuscrito.

Mais especificamente, analisaremos a iluminura do Ofício dos Mortos do livro de horas 50,1,016, comparando-a com outras duas iluminuras de mesmo tema, provenientes de dois outros livros de horas: o códice N.a.L. 3114 da Bibliothèque Nationale de France e o códice 106, localizado em coleção particular e disponível na base de dados “e-codices”, ambos atribuídos ao Mestre de Coëtivy.

### Análise historiográfica da iconografia do diabo na Idade Média entre os séculos XIV-XV

Pedro Augusto Menna Barreto Magalhães Gomes (DH-PUCSP)

Nesta pesquisa estudei a imagem do Diabo na Baixa Idade Média, na qual levantei, a partir das duas principais referências bibliográficas - *O Diabo: A Máscara Sem Rosto*, do filósofo Luther Link, e *Lucifer: The Devil In The Middle Ages*, do historiador Jeffrey B. Russell - elementos que apontavam o processo evolutivo da iconografia do demônio desde a Antiguidade Tardia até o recorte temporal aqui estudado, os séculos XIV e XV. Entendi também que, paralelamente, compreender as bases do pensamento teológico e sua compreensão sobre o principal antagonista de Deus ajudaria na leitura das imagens, desde seu começo, apresentando um demônio, quando não humano, humanoide, até seus primeiros elementos antropozoomórficos e sua versão final.

### Grafite? Rabisco? Marginalia? Um estudo sobre a classificação das imagens nas margens do manuscrito BM Amiens 347 (*Digestum Vetus*)

Pedro de Oliveira e Silva (DH-USP)

Ainda que muito estudados por certa historiografia tradicional – atenta aos processos de formulação e aplicação de mecanismos “jurídicos” na realidade medieval – os manuscritos de caráter legal medievais não têm recebido a mesma atenção no que concerne às suas imagens.

Assim, a presente comunicação buscará apresentar caminhos possíveis para o trabalho com as imagens contidas em manuscritos de Direito medieval. Para tanto, usaremos o caso do manuscrito **BM Amiens 347** como exemplo da dinâmica plasticidade na recepção e uso de tais obras – entendidas como um conjunto de textos e imagens.

Reportando-nos a uma gama de livros, artigos e textos produzidos por diversos autores que se dedicaram ao estudo das imagens medievais, teremos na discussão a respeito das possíveis classificações das imagens do manuscrito **BM Amiens 347** o fio condutor desta comunicação. Tal processo será essencial para uma melhor compreensão das múltiplas funções que essas imagens desempenhavam no livro.

## Tratativas e retratação do casamento de D. João I e Fillipa de Lancaster

Rosângela Aparecida da Conceição (UNIP / U. Nova de Lisboa)

Propomos neste trabalho a análise da relação estabelecida entre o texto e a imagem decorrente deste, a partir de crônicas e o confronto com miniaturas referentes a passagens da vida de D. João I (1357-1433), especialmente aquelas que retratam as tratativas e o de seu casamento, em 1387, com D. Filipa de Lencastre (1359-1415), filha do Duque de Lencastre. Para tanto, utilizamos a Crônica de El-Rey D. João I, escrita por Fernão Lopes (c.1380-1460), em edição publicada entre 1897 e 1898, em sete volumes, pela editora Escriptorio, sob direção de Luciano Cordeiro. O tomo referente aos livros IV a VI será o foco de análise, do qual serão selecionadas passagens do livro V e do livro VI. Outra obra que compõe a análise é “*Chronicles of England*,

*France, Spain, and the adjoining countries, from the latter part of the Reign of Edward II to the Coronation of Henry IV*”, obra de Sir Jean Froissart (c. 1337-c.1405), encomenda de Eduardo III da Inglaterra. Por fim, a “*Anciennes et nouvelles chroniques d’Angleterre*”, de Jean Wavrin (c.1400-c.1472/5), cujo manuscrito contém as imagens a serem analisadas, respectivamente, nos fôlios 236r, 244v e 284r do BL MS Royal 14 E IV.

Para análise das miniaturas, nos servimos de autores que versam sobre a questão imagem, com especial atenção aos aspectos ligados ao retrato, à iconografia, ao tratamento gráfico e compositivo, bem como de manuscritos executados no mesmo período para confronto entre os padrões estéticos, o trânsito e a circulação de modelos.

### Sobre múltiplos sentidos: imagens de cavaleiros e caracóis nas margens de manuscritos do século XIII ao XV

Stefanny Batista dos Santos (PPGHIS-USP)

É possível encontrar nas margens de alguns manuscritos do século XIII ao XV na Europa Ocidental imagens de combate entre caracóis e cavaleiros. Essas imagens são de tipos variados: além de cenas de combate propriamente ditas, há imagens em que o cavaleiro está rezando em frente ao caracol, por vezes desnudo ou mesmo abandonando seus equipamentos. Outras vezes, o cavaleiro pode possuir características antropozoomórficas; ou mesmo ser um animal dotado de características cavaleirescas. Apesar de algumas hipóteses já terem sido avançadas pela bibliografia, em geral tem-se buscado um único significado, o que não é satisfatório tendo em vista as variações encontradas. O objetivo dessa comunicação é, portanto, estudar algumas representações de cavaleiros e caracóis a partir de uma abordagem que priorize a inventividade e diversidade dessas imagens, para que seja possível explorar os vários sentidos e vários papéis que elas desempenham nos manuscritos.

A composição de uma história: a importância da escrita na construção de si e do outro na *Historia Albigensis* (c. 1212-1218)

Thalita Soares Claudino (PPGHIS-UFRJ)

A cruzada albigense, que tem esse nome em virtude da associação da heresia cátara com a região de Albi, ocorreu entre 1209 e 1229 no Languedoc francês. De um lado estavam os cruzados, oriundos do Norte de França e defensores da ordem da cristandade, e do outro estavam os cátaros. A justificativa da guerra era a de que a cristandade estava ameaçada e, por isso, era preciso combater o mal da heresia. A repressão aos cátaros em forma de cruzada deu-se pela obstinação dos hereges em suas crenças mesmo após as campanhas de pregação, realizadas em fins do século XII, que pretendiam, por vias pacíficas, erradicar a heresia.

Os registros sobre o conflito foram feitos por representantes eclesiásticos e, portanto, defensores de um dos lados na batalha. Uma das principais fontes acerca da cruzada albigense é a *Historia Albigensis* de Pedro de Vaux-de-Cernay. Esse valor dá-se em função de ela ter sido escrita entre 1212 e 1218, período em que o conflito ocorreu. Seu autor, Pedro de Vaux-de-Cernay, era um monge cisterciense e, portanto, alguém que fazia parte de um grupo com valores morais próprios e uma determinada carga intelectual.

Como a *Historia* é um registro eclesiástico (e monástico) dos eventos narrados, na presente comunicação buscamos apresentar e discutir a importância da escrita na expansão da instituição eclesial, em especial do monasticismo cisterciense do qual Pedro de Vaux de Cernay participou, e de que forma isso auxiliou na composição retórica do combate narrado e da representação do outro nesse combate. Assim, importa-nos aqui a construção do discurso eclesiástico sobre a cruzada e a representação que é feita do outro nele. Além disso, importa-nos o papel desses discursos e da própria escrita na constituição da própria instituição no período em questão.

## A arqueologia de uma cidade-relicário: um estudo do Altar dos Padroeiros de Colônia de Stefan Lochner (c.1440)

Vinicius Cesar Dreger de Araujo (DH-UNIMONTES)

O Altar dos Padroeiros de Colônia, elaborado durante a década de 1440 por Stefan Lochner, é uma referência da pintura gótica tardia alemã, atraindo a atenção até mesmo de Albrecht Dürer. Este grande tríptico (quando aberto chega aos 5,70m de largura), foi encomendado para adornar a Capela do Conselho Municipal coloniense e representa as maiores riquezas da *sancta Colonia*, o seu “panteão” de santos: à esquerda, Santa Úrsula e parte das suas Onze Mil Virgens; ao centro os Magos adorando ao Menino Jesus no colo de Maria entronizada e à direita, São Gereon e seus companheiros, mártires da Legião Tebana.

Nesta belíssima imagem se encontram cristalizadas as representações hagiográficas ligadas, por exemplo, à *Legenda Aurea* do século XIII. No entanto, a reunião de tão veneráveis relíquias se deu no decorrer do século XII: com a descoberta de um cemitério romano próximo à igreja de Santa Úrsula em 1106 (sendo as muitas ossadas ali descobertas legitimadas pelas visões de Elisabeth de Schönau em 1156); pela descoberta das relíquias de São Gereon, escondidas em sua igreja e reveladas em 1120 por meio de um sonho a Norberto de Xanten, fundador da Ordem Premonstratense e, finalmente, pelo traslado das relíquias dos Magos de Milão para Colônia, por obra e graça de Frederico Barbarossa e seu chanceler, Rainald de Dassel.

Ademais, nossa especulação arqueológica não se detém no século XII. Ela recua a uma semilendária Antiguidade Tardia, na qual surgiram as santidades coletivas das Virgens martirizadas em Colônia e dos Legionários Tebanos, sendo que seu sangue derramado várias vezes veio a proteger a metrópole do Reno, gerando mesmo uma identificação entre esses mártires e as próprias muralhas da cidade. De fato, tamanha se tornou esta identidade que podemos mesmo pensar a cidade de Colônia como uma cidade-relicário.

## Pregação e formação: erudição e exemplaridade na estratégia predicante dominicana

Willian Vidal Reis (PPGHIS-UFRJ / CNPq)

A Ordem Dominicana, durante o século XIII, fora um dos principais motores da manutenção da ordem eclesiástica. Por um lado, a formação intelectual de seus membros, com grande inserção nas universidades, auxiliou o desenvolvimento do pensamento filosófico e teológico cristãos. Por outro, os irmãos pregadores tiveram notória fama por sua circulação nas cidades, exercendo papel fundamental na defesa da ortodoxia religiosa: sua préica direcionava-se diretamente ao combate à heterodoxia. O debate sobre a identidade da Ordem parte dessa questão: qual a principal preocupação interna, o estudo ou a pregação? Nosso trabalho pretende refletir sobre a necessidade dos estudos, entre os frades, para a construção de um discurso acessível ao público alvo, o qual deveria contar com a mobilização de representações capazes de exercer influência moral, edificante e pedagógica, nos membros da comunidade. Nesta perspectiva, a formação intelectual no interior da ordem, longe de ser pensada isoladamente, teria, entre outras funções, um importante direcionamento: a produção de material para sermões que se fizessem facilmente compreensíveis para os ouvintes. Refletiremos, portanto, acerca da articulação entre a erudição e a préica dos Dominicanos.

Caderno de Resumos  
X Encontro Internacional  
A Imagem Medieval:  
História e Teoria

ISBN: 978-85-7506-388-0

